

SUSI CRISTINA DOS SANTOS



A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE
APLICADA À NATAÇÃO NA FASE PRÉ-ESCOLAR

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1998

SUSI CRISTINA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE
APLICADA À NATACÃO NA FASE PRÉ-ESCOLAR.

ORIENTADOR: CLÁUDIO PORTILHO MARQUES.

C0-ORIENTADORA: JOCIAN MACHADO BUENO

AGRADECIMENTOS:

Muito se tem a agradecer aos professores que me influenciaram e me orientaram, para que este trabalho fosse realizado.

Cláudio Portilho Marques, orientador que mesmo não sendo especialista na área, aceitou o desafio e muito me auxiliou. Sem ele este trabalho não teria sido concluído.

Jocian Machado Bueno, co-orientadora e amiga, que fez de tudo para que este trabalho fosse bem sucedido.

João Roberto Liparotti, professor fonte de inspiração para este trabalho e para a vida.

E com certeza nada disso teria sentido sem o apoio de meus pais (Lindolfo e Neuza) , pois sem eles eu não existiria. Muito Obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO -----	iv
1.0 INTRODUÇÃO -----	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA -----	1
1.2 JUSTIFICATIVA -----	1
1.3 OBJETIVOS -----	2
2.0 REVISÃO DE LITERATURA -----	4
2.1 A NATAÇÃO -----	4
2.2 ETAPAS DE APRENDIZAGEM DA NATAÇÃO -----	8
2.3 PSICOMOTRICIDADE -----	11
2.4 A CONTRIBUIÇÃO DE HENRI WALLON À PSICOMOTRICIDADE -----	17
2.5 A PSICOMOTRICIDADE E A NATAÇÃO -----	28
2.6 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES (03 A 06 ANOS) -----	30
2.7 A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR E A NATAÇÃO -----	33
3.0 METODOLOGIA -----	36
4.0 CONCLUSÃO -----	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	39

RESUMO

O presente trabalho vem elucidar a importância da psicomotricidade aplicada à natação para a criança em idade pré-escolar (03 a 06 anos). Procura-se aqui detectar os benefícios decorrentes da natação para essas crianças, bem como apresentar informações aos profissionais que atuam com essa prática desportiva, na faixa etária acima mencionada. Para isso, foi feito um levantamento puramente bibliográfico, com autores de renome na área, onde estudou-se a relação: Criança Pré-Escolar, Psicomotricidade e Natação. Apresentou-se também uma grande contribuição do psicólogo Henri Wallon, precursor do estudo que relaciona a motricidade e a afetividade. Como resultado, verificou-se que o trabalho em meio líquido com crianças, deve ser feito primeiro individualmente com ênfase nas condutas psicomotoras para mais tarde relacionar a criança com o seu grupo, tendo assim uma melhora no seu desenvolvimento integral.

1.0 INTRODUÇÃO:

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA:

Ao detectar a natação como um ato educativo, procura-se aqui verificar a sua importância no desenvolvimento psicomotor de crianças na faixa etária de 03 a 06 anos de idade, e qual o trabalho que deverá ser feito para que a natação sirva como mais um instrumento para a educação de pré-escolares.

1.2 JUSTIFICATIVA:

Criança é movimento. Movimento simples, alegre e brincado. Toda criança tem necessidade de movimentar-se, e é a partir daí que o seu desenvolvimento inicia. É preciso saber trabalhar estes movimentos, para que a mesma cresça com autonomia de seu próprio corpo. Mas por quê a escolha da Natação para trabalhar o desenvolvimento psicomotor da criança?

Segundo DEPELSENNER (1989, p.160), quando em superfície terrestre, a gravidade atua sobre o corpo mais pesado que o ar, já no meio aquático a ação é contrária, anulando o efeito da gravidade, fazendo com que o corpo mantenha-se na água flutuando e se expandindo livremente. O autor ainda justifica que o trabalho em meio líquido, proporciona uma gama imensa de possibilidades de movimentos enriquecedores para a coordenação psicomotora da criança, que nem sempre é totalmente explorada em meio terrestre, sem esquecer um melhor reconhecimento da criança em geral de seus sentimentos e reações, devido ao contato no meio líquido.

BUENO (1998,p.125) defende que a proposta aquática baseada na psicomotricidade deve utilizar a água e o movimento para estimular o indivíduo a aprender, a se conhecer e se aceitar, ajustando seu comportamento e atitudes na sociedade em que vive, de maneira lúdica e prazerosa.

“ Esta proposta procura priorizar os aspectos psicoafetivos sobre os psicognitivos pois acredita-se que os primeiros são a base de sustentação na eclosão do segundo. Nesta abordagem, a prática associada da psicomotricidade e das atividades aquáticas atua como um meio e não como um fim. O indivíduo, criança ou adulto, nadando também integrado num contexto” (BUENO,1998, p.125). E com base na “psicoafetividade”, é que se fundamentará este trabalho que dá importância a teoria de Henri Wallon, considerado o “psicólogo da emoção”.

“A emoção se traduz e se imprime no tônus muscular, estabelecendo uma comunicação constante entre a tonicidade e a sensibilidade. O movimento é a primeira estrutura de relação com o meio, com os objetos e os outros, a primeira forma de expressão da emoção e do comportamento” (WALLON apud BUENO, 1998, p.27).

1.3 OBJETIVOS:

1.3.1 OBJETIVO GERAL:

Demonstrar através de uma pesquisa bibliográfica, a importância de um bom trabalho pedagógico em natação para o desenvolvimento psicomotor de crianças entre três a seis anos de idade.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1.3.2.1 Discutir a importância da Psicomotricidade e sua relação com a natação infantil;
- 1.3.2.2 Descrever os aspectos pedagógicos que devem ser trabalhados em psicomotricidade aplicada à natação com crianças pré-escolares.
- 1.3.2.3 Relatar a contribuição do psicólogo Henri Wallon para a motricidade e sua relação com a afetividade.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA:

2.1 A NATAÇÃO:

A natação do ponto de vista da saúde, tem um caráter preventivo, que visa a incorporação de hábitos de vida saudáveis, transformando-os em estilo de vida. Segundo BUENO (1998, p.119): “A natação é uma atividade física que engloba várias finalidades, como terapia, competição, lazer, utilizando a locomoção na água”.

CAMPELO (1996, p.06) defende que dos diversos esportes existentes, a natação é um dos mais indicados por profissionais em saúde. Além do fato que por ser realizado em meio líquido, é recomendada desde os 06 meses até a 3ª idade, sem muitas restrições. E por isso, é grande o número de crianças que se encaixam nesta atividade com grande êxito.

BURKHARDT & ESCOBAR (1985, p.10) , entendem a habilidade de nadar como: “manter-se sobre a água e ir por ela sem tocar no fundo; podendo ser esta habilidade de nadar executada sem preencher os requisitos dos 04 nados, mas comprovando a completa ambientação do indivíduo ao meio aquático”.

AMARAL (1980, p.11), coloca que a natação aparece como uma atividade meio, além do caráter desportivo, nos seguintes aspectos: *atividade meio de educação*, uma vez que está contida dentro da Educação Física Escolar; *atividade meio de saúde*, pois a prática periódica traz vários benefícios como tônus muscular, melhor atividade cárdio-circulatória nos organismos infantis e correção de postura; *atividade meio de segurança*, evitando afogamentos; *atividade meio de recreação*, em variados meios aquáticos com a família ou amigos; *atividade meio de satisfação e auto-realização*, quando dominada as suas habilidades específicas; *atividade meio de competição*, pelos benefícios físicos e

psicológicos que proporciona em diferentes faixas etárias, e *atividade meio de terapia* pela recomendação de pediatras, psicólogos, fisioterapeutas e fisiologistas.

“A relação do ser humano com o meio líquido vem desde sua concepção e evolução no meio intra-uterino e sua primeira grande experiência é o próprio nascimento” (BUENO, 1998, p.119).

Ao nascer, o bebê perde a relação íntima com sua mãe, e o seu habitat natural. Com o trabalho em meio aquático sendo feito com cautela, o estado de prazer em contato com o meio líquido faz com que a criança tenha a sensação de volta a vida intra-uterina, deixando-a calma, feliz e segura (FONTANELLI & FONTANELLI, 1986, p.22).

Difícilmente há uma grande exploração dos movimentos do bebê no meio terrestre, devido a falta de conhecimento de suas necessidades e por excesso de cautela e medo de machucar aquele “bebezinho” tão frágil e indefeso.

VELASCO (1994, p.60) diz que um bom desenvolvimento da criança depende da quantidade e qualidade de estímulos que o ambiente proporciona, sendo a experiência aquática uma das mais valiosas para o progresso do desenvolvimento psicomotor.

“Sendo o próprio corpo o melhor meio de aprendizagem do bebê, este deverá vivenciar todas experiências possíveis para tornar seu corpo operacional” .

Para entender melhor a relação do indivíduo com o meio líquido é necessário também conhecer as leis que regem este ambiente.

Densidade da água:

PRINCÍPIO DE ARQUIMEDES: “Todo corpo imerso em um meio líquido recebe uma força de baixo para cima, chamada empuxo, que é igual ao peso do volume da massa líquida deslocada” (BUENO, 1998, p.120).

Conforme afirma VELASCO (1994, p.45), a densidade da água é maior que a do ar. Sendo assim a motricidade aquática deve passar por reorganizações posturais, no que se refere a flutuação e a propulsão, que se alteram no meio líquido. A autora afirma que: “ Permanecer ou estar na água é, sobre o ponto de vista sensorial e psicomotor, amplamente diferente do que estar situado ou posicionado em terra, daí a especificidade da reaprendizagem postural e motora naquele envolvimento” .

Equilíbrio:

BURKHARDT & ESCOBAR (1985, p.02) definem que: “ O equilíbrio aquático se processa em dependência da diminuição da ação da gravidade, da horizontalidade do corpo e da perda dos apoios plantares, que no meio terrestre são essenciais no equilíbrio vertical”.

VELASCO (1994, p.21) aborda a questão que: O corpo na água está sujeito a duas forças opostas: Gravidade e Flutuação. Se estas forças são iguais e opostas o corpo estará em equilíbrio e não ocorrerá movimentos, porém se essa são desiguais e desalinhadas, então ocorrerá movimento e sempre será rotatório.

Para esta autora, o fato da criança se equilibrar no meio líquido, realizar movimentos como saltar, correr, baixar, apanhar, voltar, etc, traduz um trabalho de ampliação do “repertório psicomotor da criança nadadora”.

Fricção:

“ A diferença da fricção da pele do corpo no ar para a água é 790 vezes maior, fator este que dificulta os movimentos e requer um gasto maior de energia comparado aos mesmos movimentos fora da água (ar). Isto significa que o ritmo de realização dos movimentos são mais lentos na água” (VELASCO, 1994, p.22).

Velocidade:

VELASCO (1994, p.23) relata que para uma melhor execução dos movimentos, necessita-se que o corpo esteja em posição horizontal. Quando isto não ocorre, torna-se mais difícil a movimentação e a velocidade no ambiente aquático. O que pode ser corrigido com alongamento dos segmentos corporais ou com auxílio de materiais.

Temperatura:

A temperatura da água é fundamental nas atividades aquáticas para as crianças, a nível motivacional, pois o desempenho em meio líquido depende e varia muito devido a este fator.

Segundo VELASCO (1994, p.23), deve-se atender às necessidades de temperatura principalmente com os bebês e os deficientes, pois estes são mais sensíveis com a água e o seu desempenho motor nela está intimamente ligado a isto.

FONTANELLI & FONTANELLI (1986, p.29) contribuem explicando que: “ A função da termo-regulação é manter a temperatura interna o mais constante possível”. Quando ocorre uma variação acima de 2°C, as funções físicas e psíquicas são debilitadas, devido a inadaptação do corpo ao meio, sendo inconveniente qualquer atividade física nesta situação.

AMARAL (1980, p.26) coloca que a temperatura da água deve ser bem controlada, uma vez que no Sul do Brasil o clima é muito instável. Esta temperatura para o bebê deve estar entre 32°C e 33°C.

Tendo em vista todas estas leis que regem o meio líquido, necessita-se de um trabalho pedagógico em natação infantil, onde ocorra um desenvolvimento global do seu próprio corpo, utilizando-se dessas leis como mais um recurso para o aprendizado de crianças pré-escolares. Utilizar a *fricção* para que a partir de movimentos lentos ocorra a

consciência corporal. Para trabalhar a *velocidade*, usar materiais que ajudem no desenvolvimento motor global e fino. E com uma *temperatura* da água entre 32°C e 33°C, fazer a criança sentir-se a vontade no meio aquático desejando retornar sempre a piscina que traz uma agradável sensação de prazer.

Este trabalho em psicomotricidade aquática na faixa etária de três a seis anos de idade, tem de ser metodologicamente organizado para não correr o risco de queimar etapas fundamentais na educação da criança. “Todo desenvolvimento ocorre de forma progressiva se as etapas anteriores estiverem bem fundamentadas” (FONTANELLI & FONTANELLI, 1986, p.23).

2.2 ETAPAS DE APRENDIZAGEM DA NATAÇÃO:

O homem não nasce sabendo a arte de nadar. Portanto é preciso aprender e muitas vezes este trabalho é dificultado pelo medo de enfrentar a água e a insegurança de flutuar. BUENO (1998, p.121) explica que é nesse momento que a psicomotricidade aquática entra como fundamental. Devido ao medo da água, é preciso dar um prazo maior para a adaptação ao meio líquido e trabalhar os movimentos do indivíduo, junto com o seu emocional.

Adaptação ao meio líquido:

Segundo o estudo de BUENO (1998, p.121), adaptação significa superar “à resistência oferecida pela água (resultante da densidade), à pressão exercida sobre o nosso corpo quando nela ocupamos um espaço, ao empuxo, à presença da água nas aberturas da cabeça (nariz, boca, olho e ouvido) e à excitação promovida pela água (frio e quente)”.

AMARAL (1980,p.09) define adaptação ou ambientação como o conhecimento sobre a água, suas propriedades físicas e modo como nos comportamos nela. Refere-se também a adaptação a temperatura da água, a presença da mesma nas aberturas da cabeça como nariz, boca, ouvidos e olhos e ainda ao reflexo do fechamento das pálpebras ao mergulhar o rosto no meio líquido e o da posição da cabeça ao modificar a posição do corpo. Já VELASCO (1994, p.44) enfoca que, enquanto a adaptação no meio terrestre necessita impreterivelmente da ação da gravidade, a adaptação no meio líquido, atenua a função da gravidade, tornando possível a alguns deficientes motores, sentirem na água, uma sensação de liberdade, auto-estima e segurança, impossível de ser realizada na terra.

Respiração Aquática:

BURKHARDT & ESCOBAR (1985, p.02) explicam que a respiração predominantemente nasal e o ato reflexo na superfície terrestre é utilizada no ambiente líquido de forma consciente e ativa, com predomínio oral na expiração, inspiração rápida e controle da glote.

BUENO (1998, p.122) enfatiza que é mais importante aprender a expirar que inspirar, pois a inspiração ocorre instintivamente. Defende também que deve-se aprender a respiração isoladamente, sendo somente mais tarde a sua união com os mergulhos e deslizamentos.

Propulsão na água:

“A propulsão terrestre, de pernas motoras e braços equilibradores, com apoios fixos e sólidos ao solo e fraca resistência do ar, encontra no meio aquático apoios fugidios e um grau de resistência notável a ser vencido pelos braços, agora essencialmente propulsores; também por esta singularidade as pernas assumem a responsabilidade do equilíbrio e, em

menor grau, da propulsão” (BURKHARDT & ESCOBAR, 1985, p.02). “ A propulsão é o ato de se mover no meio líquido com seus próprios recursos” (FARIAS, 1983 apud BUENO, 1998, p. 123).

BUENO (1998, p.123) propõe que o deslize é a ação mais importante na propulsão, e significa deslocar-se estaticamente na água com o auxílio de um primeiro impulso, fundamental para qualquer ação propulsora posterior.

Além das fases de aprendizagem da natação, outro aspecto relevante a ser abordado nesta modalidade é a segurança na água. É de fundamental importância que o indivíduo sinta-se seguro no meio em que se encontra. A sua auto-confiança será aguçada e desenvolvida, com o domínio do meio líquido, seja qual for este líquido (piscina, mar, lago, etc.) (BUENO, 1998, p.122).

AMARAL (1980, p.10) defende que a segurança dentro da água é o que se tem de mais importante dentro da fase de ambientação, pois permite ao iniciante descontração e relaxamento do seu corpo sem medo, facilitando o aprendizado das técnicas dos nados. Novamente BUENO (1998, p.122) relata que o trabalho em psicomotricidade é ressaltado aqui, pois o aluno não aprende a nadar mecanicamente, ele nada e descobre todas as possibilidades de movimentos que o seu corpo tem na água, fazendo com que a mudança do “ tipo de água” não o apavore, pois ele já conhece seus limites e potenciais.

Assim afirma BURKHARDT & ESCOBAR (1985, p.03) quando ressalta que: “ A construção dos esquemas específicos do meio aquático depende dos aspectos psicomotores que dizem respeito ao conhecimento do próprio corpo e do mundo exterior e de alguns fatores de execução como força, resistência, flexibilidade e velocidade”. Mas para entender melhor o trabalho de Psicomotricidade Aquática, é necessário definir melhor o que vem a ser Psicomotricidade e qual a sua relação com a Natação.

2.3 PSICOMOTRICIDADE:

Ao abordar a importância da Psicomotricidade para a educação pré-escolar, tem-se o dever de primeiramente defini-la e correlacioná-la com a educação e a natação. Segundo LE BOULCH (1986, p.13), a educação psicomotora é indispensável como formação de base para toda criança normal ou com problemas, pois possui uma dupla finalidade: garantir um bom desenvolvimento funcional e auxiliar no desenvolvimento afetivo, para o convívio harmônico em sociedade.

A Psicomotricidade procura superar a questão: “o homem e seu corpo”, construindo o pensamento que “o homem é o seu corpo”, pois este é um ser que fala por ele sem pedir licença (COSTE, 1992, p.09). PIRRO (1996, p.10), explica que Educação Psicomotora são atos pedagógicos, que têm como finalidade o desenvolvimento motor e mental da criança, para o domínio de seu corpo funcional e sócio-afetivo.

BUENO (1998, p.32) caracteriza o desenvolvimento psicomotor pela maturação integral que este proporciona entre o movimento, a imagem corporal e suas relações com o meio e a palavra. Enfim, FONSECA (1983, p.01) relata que a Psicomotricidade esteve erroneamente ligada a algumas correntes de estudo da Educação Física, onde era utilizada como técnica corretiva para crianças anormais, confundindo-se com ginástica corretiva e a cinesioterapia. A proposta que o autor defende sobre a Psicomotricidade é que atualmente ela é imprescindível na educação global da criança normal, formando uma nova perspectiva psicopedagógica em educação infantil.

Referente a isso tudo, diagnostica-se o Desenvolvimento Psicomotor como fundamental na pré-escola, onde há o desenvolvimento da consciência dos movimentos corporais, unindo a emoção expressada através destes movimentos.

Vários são os conceitos em Psicomotricidade que devem ser trabalhados. Dentre eles estão: *Coordenação Motora, Esquema Corporal, Equilíbrio, Estruturação Espaço-Temporal e Lateralidade*. Há uma preocupação aqui, em deixar claro que a denominação destes conceitos variam um pouco conforme cada autor da área.

Coordenação Motora Global:

Segundo BORGES (1987, p.40), a *Coordenação Dinâmica Geral* refere-se aos movimentos harmônicos dos grandes grupos musculares, ou ainda, o controle dos atos motores produzidos por estes segmentos. BUENO (1998, p.51) afirma que a *Coordenação Dinâmica Global ou Geral*, caracteriza-se pelo controle dos amplos movimentos do corpo, possibilitando a contração de diferentes grupos musculares independentemente.

A finalidade da *Atividade Corporal Global* é expressar os movimentos infantis através do corpo vivido que carrega em si um grande conteúdo emocional. Este trabalho é necessário para um futuro equilíbrio funcional e psíquico do ser, enquanto pessoa que se relaciona com o meio em que vive (LE BOULCH, 1986, p.130). “A criança progressivamente se descobre através de uma *Atividade Corporal Global ou Instintiva* a princípio, diferenciada e intencional depois, e esta atividade lhe permite descobrir o mundo que a rodeia” (DAMASCENO apud BUENO, 1998, p.51).

Coordenação Motora Fina:

A *Coordenação Motora Fina* refere-se a coordenação de pequenos grupos musculares para atividades mais refinadas (BORGES, 1987, p.47).

Conforme o estudo de BUENO (1998, p.53), a *Coordenação Motora Fina*, trabalha a capacidade de controlar grupos musculares pequenos para exercícios mais específicos como perfuração, recorte, encaixes, entre outros. Esta *Coordenação Motora Fina*, divide-

se em três partes: *Coordenação Viso-Motora ou Oculomotora*, relacionada em coordenar os movimentos a um alvo visível. *Coordenação Viso-Manual ou Oculomanual*, relacionada entre a visão e o tato, que a exemplo tem-se a escrita. *Coordenação Musculofacial*, ou movimentos da face, importantes para a mastigação, fala e expressão fisionômica.

Esquema Corporal:

“ A noção de *Esquema Corporal* é fruto de uma longa progressão que levou neurologistas, psiquiatras e psicólogos a se interrogarem sobre as percepções do corpo, a integração do corpo como modelo e a forma da personalidade” (COSTE, 1992, p.17). Segundo VAYER (1984, p.18), o primeiro objeto notado pela criança é o seu corpo, pois este é o meio de ação, de relação e conhecimento que ela possui. Sendo o *Esquema Corporal* a organização das relações do corpo com o mundo exterior, tem um papel fundamental na vida dessa criança sendo o ponto de partida para o seu desenvolvimento das futuras possibilidades de ação.

Para LE BOULCH (1986, p.18), o *Esquema Corporal* refere-se ao “corpo percebido”, onde este associa-se às sensações táteis e cinestésicas. As ações da criança estão enfocadas no objeto e também no seu próprio corpo. O *Esquema Corporal* é a tomada de consciência do próprio corpo, suas partes, atitudes, estando em movimento ou não. Ele é básico para a formação da personalidade da criança (BORGES, 1987, p.42).

Equilíbrio:

O *Equilíbrio Corporal* aborda a questão do indivíduo ao seu peso, à sua plena adaptação tanto em deslocamentos como estaticamente (VAYER, 1984, p.103). BORGES (1987, p.44), trabalha a noção de *Equilíbrio* como uma capacidade de sustentar o corpo

contra a lei da gravidade seja qual for a posição em que ele se encontre. O *Equilíbrio* é a base de toda a coordenação dinâmica geral do indivíduo.

BUENO (1998, p.55) completa o conceito anterior quando refere-se ao *Equilíbrio* como uma noção de distribuir o peso corporal em um determinado tempo e espaço em relação ao eixo de gravidade. Este *Equilíbrio* pode ser estático ou dinâmico. A autora citada acima define *Equilíbrio Estático* como sendo o de maior grau de dificuldade, pois exige muita concentração. “É o resultado do *Equilíbrio* harmonioso entre a ação dos grupos musculares, permitindo a ação voluntária das atitudes (controle da postura, mobilidade)” (BORGES, 1987, p.45).

Já o *Equilíbrio Dinâmico*: “É a colocação harmônica e simultânea de grupos musculares diferentes, visando à execução de movimentos voluntários (marcha, corrida, salto)” (BORGES, 1987, p.45).

Estruturação Espacial:

“É perceber as posições, direções, distâncias, tamanhos, o movimento, a forma dos corpos, enfim, todos os caracteres geométricos dos corpos” (BORGES, 1987, p.47). Para LE BOULCH (1986, p.199) a partir dos três anos de idade, a criança já possui uma vivência espacial. A exploração do espaço inicia a partir do momento em que esta fixa seu olhar em um certo objeto e procura posteriormente apanhá-lo.

COSTE (1992, p.54) relata que toda percepção de mundo é uma percepção espacial, onde o nosso corpo sempre é a referência. A *Estruturação Espacial* da criança desenvolve-se paralelo ao seu desenvolvimento psicomotor ou seja, conforme aumenta os seus gestos e coordenação motora unido a suas relações com o meio, aumenta o seu espaço de comunicação e exploração dos objetos.

A *Estruturação Espacial* para VAYER (1984, p.118), nasce das relações de si mesmo com o objeto e da relação dos objetos entre si, portanto este autor defende que é muito importante para a criança que o seu espaço e os objetos que o compõem sejam estáveis. Assim a própria criança irá perceber noções de distância, segurança e um referencial constante de objetos que permitirá a construção do seu desenvolvimento espacial. A mudança rotineira de ambiente e de objetos contido nele, não proporciona a criança uma organização espacial, pois perde seus pontos de referência com frequência.

Enfim, “ é a tomada de consciência da situação das coisas entre si. É a possibilidade para a pessoa, de organizar-se perante o mundo que a cerca, de organizar as coisas entre si, de colocá-las em um lugar, de movimentá-las. É ter a noção de direção (acima, abaixo, à frente, atrás, ao lado), e de distância (longe, perto, curto, comprido) em integração” (BUENO, 1998, p.63).

Estruturação Temporal:

Conforme afirma BORGES (1987, p.48), a *Orientação Temporal* diz respeito a ter uma referência de um tempo presente, relacionado a um antes e um depois, é diferenciar o rápido do lento, enfim saber distinguir o passado do futuro. Isto se forma juntamente com a noção de espaço, porém é um pouco mais complexa.

“ Se as noções de espaço, de relações espaciais são elaboradas por meio da ação, as noções de tempo, de *Relações Temporais* são muito mais confusas, pois elas estão ligadas à vivência, isto é, ao aspecto afetivo da comunicação, e por isso mesmo são muito mais difíceis de serem expressadas” (VAYER, 1984, p.129).

COSTE (1992, p.53) explica que o tempo une em si duração, ordem e sucessão de fatos. É primordial a integração destes três níveis para ocorrer uma boa *Estruturação Temporal* na criança.

Sendo assim, a *Organização Temporal* está intimamente ligada à capacidade do indivíduo em situar-se em função da sucessão de acontecimentos, ao tempo de intervalo, aos períodos de dias, meses e anos e a irreversibilidade do tempo ou seja, a noção de envelhecimento (BUENO, 1998, p.65).

Lateralidade:

A *Lateralidade* é uma capacidade motora, onde a criança começa a perceber que o seu próprio corpo possui dois lados, direito e esquerdo, que se integram. Está ligada ao esquema corporal, e possui a predominância de um dos lados em função dos seu hemisfério cerebral (BUENO, 1998, p.59). No período de crescimento, ocorre a dominância de um dos lados do corpo por parte da criança, que será fundamental para uma boa escrita (BORGES, 1987, p.49).

Segundo VAYER (1984, p.229) é a dominância funcional, da mão, do olho ou do pé direito ou esquerdo, o que determina a *Lateralidade* de uma pessoa. Por fim LE BOULCH (1986, p.92), trabalha o conceito de *Lateralidade* como sendo a “ tradução de uma assimetria funcional”, ou seja, a motricidade do lado direito não é igual ao do lado esquerdo, e esta desigualdade acentua cada vez mais com o desenvolvimento geral do indivíduo. É preciso que um profissional competente e comprometido com a educação infantil, tenha conhecimento dessas condutas psicomotoras para executar um bom trabalho, onde a plena formação da criança, futuro adulto que vive em sociedade, seja o seu maior objetivo.

2.4 A CONTRIBUIÇÃO DE HENRI WALLON À PSICOMOTRICIDADE:

Dentre as propostas abordadas pela autora do presente trabalho, a teoria do psicólogo Henri Wallon chamou a atenção, principalmente na questão da motricidade relacionada à afetividade. E no entendimento da mesma, poderá trazer relevantes aspectos a serem considerados num trabalho onde estarão envolvidas crianças pré-escolares no meio aquático.

“ A obra de Wallon assinala bem a importância da motricidade na emergência da consciência, sublinhando a constante reciprocidade dos aspectos cinéticos e tônicos da motricidade, bem como as interações entre as atitudes, os movimentos, a sensibilidade e a acomodação perceptível e mental no decurso do desenvolvimento da criança” (FONSECA, 1983, p.17). Este mesmo autor, relata que Wallon tende a defender os aspectos afetivos antes de qualquer outro comportamento.

Segundo BUENO (1998,p.75), citando WALLON, diz que este, dá à afetividade um valor funcional. A afetividade é o resultado de sensações agradáveis e desagradáveis de sentimento de amor e ódio, que determina a conduta postural e dão ao corpo sua expressão.

Confirmando isto, temos FONSECA & MENDES (1987, p.21), relatando que para Wallon, o movimento não significa apenas qualquer deslocamento no espaço e nem uma grande variedade de contrações musculares, ele tem uma relação afetiva com o mundo, projetando a criança na sua história biossocial.

“ Em qualquer movimento existe uma condicionante afetiva que lhe insufla algo intencional. Existe, portanto, toda uma evolução tônica e corporal que constitui o prelúdio da comunicação verbal, o *diálogo tônico*” (FONSECA, 1983, p.18). Este, tem como

instrumento fundamental, o corpo, pois Wallon construiu todo um conhecimento sobre a motricidade, de grande significado psicológico.

WALLON (1966, p.203), define o tônus, como “uma contração dos músculos esqueléticos, onde eles não se encurtam, ao contrário, os mantêm na sua forma presente e lhes dá um grau variável de consistência e de resistência aos deslocamentos”. Este autor completa o seu raciocínio, abordando que a fisiologia mostra que o tônus não é tão simples assim. É um processo complexo onde vários componentes orgânicos são trabalhados ao mesmo tempo e que a sua função varia conforme a situação do momento. O tônus acompanha o movimento, dando-lhe suporte para progredir regularmente na medida certa exigida pelas resistências encontradas. Encontra-se por todo corpo, garantindo o equilíbrio necessário à execução de cada gesto, realizando a atitude ora estável ora móvel mais adequada às diferentes fases do ato.

Deste modo, o tônus não é apenas o suporte do movimento que está sendo efetuado, pois ele também prepara o seguimento e mantém-no em potência. Sendo não só uma atividade relacionada a mobilidade, está ligado à imobilidade, muitas vezes cheia de tensões musculares, como quando um animal está à espreita de algo ou quando o corredor aguarda o sinal de partida. A velocidade e vigor do gesto a fazer estão nesse instante em potência nos músculos endurecidos e aperrados como molas; e a sua forma já está desenhada pela repartição do tônus no aparelho muscular.

“A função tônica pode assim fundir os dois pólos sensorial e motor da atividade e dar-lhes uma orientação expectante. Faz-se ao mesmo tempo atividade plástica e formigamento de energia. Imobiliza temporariamente o gesto, mas, ao mesmo passo, formenta-o de acordo com todas as incitações perceptivas para as quais o sujeito se volta com maior ou menor ardência ou curiosidade” (WALLON, 1966,p.204). Qualquer

movimento aparente pode ser protelado, mas a atividade postural está longe de se extinguir.

Segundo WALLON (1966, p.205): “Quando a criança assiste às coisas, está em estado de impregnação perceptivo-motriz. A musculatura da criança trabalha durante todo o tempo que olha ou escuta. Frequentemente são apenas contrações insensíveis, mas que parecem ser digeridas no intervalo das percepções, e que acabam por fim em ensaios de reprodução mais ou menos tímidos, mais ou menos bem sucedidos”.

Apesar da sensação de que a criança está estática ao que se observa, ela está tendo todo um trabalho orgânico, motor e perceptivo, que a auxiliará na fase posterior, onde ela irá reproduzir os movimentos ou gestos observados. A sua musculatura ao contrário do que se pensa, não está imóvel, está em um estado de imobilidade aparente, mas estará sempre trabalhando de maneira a procurar absorver as informações da melhor maneira possível.

DANTAS (1992,p.37), baseada nos estudos de WALLON, propõe que: “A psicogênese da motricidade se confunde com a psicogênese da pessoa, e a patologia do movimento com a patologia do funcionamento da personalidade”. Afirma também que Wallon, para definir o tônus, busca os órgãos do movimento: a musculatura e as estruturas cerebrais responsáveis pela sua organização. Na atividade muscular identifica duas funções: *Cinética ou Clônica*, responsável pela mudança de posição do corpo ou de segmentos do corpo no espaço, ou seja, a atividade do músculo em movimento; *Postural ou Tônica*, responsável pela manutenção da posição assumida (atitude), e pela mímica, ou seja, o músculo parado. “Este relevo dado à função tônica, identificada como o substrato da função cinética, de cuja higidez depende a sua realização adequada, é caracteristicamente walloniano”. Percebe-se aqui a total relevância que Wallon dá ao

tônus muscular, o considerando como pré-requisito fundamental a qualquer movimento seguinte.

FONSECA & MENDES (1987, p.22), relatam que Wallon é o primeiro psicólogo que procura justificar a função tônica, e é o precursor das relações entre a função tônica, o comportamento humano e a sua expressão emocional. Este psicólogo, sob a ótica dos autores acima, diz que o tônus é o “suporte e a garantia de qualquer movimento, e que a sua expressão (hipertonia ou hipotonia) representa a acomodação perceptiva na sua afetividade, assim a própria maturidade motora é a expressão concreta dum processo de corticalização, que resulta da experiência do meio”.

Não existe uma separação possível entre o indivíduo e o seu meio. Toda expressão motriz está relacionada com a sensação e interação do homem no meio social. É o seu bem ou mal-estar em um dado ambiente, que será expresso pelo seu corpo.

“A motricidade humana, descobre Wallon em sua análise genética, começa pela atuação sobre o meio social, antes de poder modificar o meio físico. O contato com este na espécie humana, nunca é direto: é sempre intermediado pelo social, tanto em sua dimensão interpessoal quanto cultural” (DANTAS, 1992, p.38).

A motricidade, ou ato psicomotor, conforme WALLON (1966, p.247), significa a junção de um esquema motor e de uma impressão sensorial que a princípio eram separados. Trata da evolução e maturação do sistema nervoso onde com o tempo, produz mais e mais integrações funcionais. Sendo assim, o aprendizado vai acontecendo progressivamente, conforme a maturação nervosa de cada indivíduo e através de uma seqüência de ações que vão da mais simples para a mais complexa.

WALLON (1966, p.70) explica que os aprendizados iniciais servem de base para atividades futuras mais complexas e nelas se inserem com o intuito de sempre somar

conhecimento para cada vez obter uma maior evolução. “Os fragmentos da função surgem antes da função, e a maturação desta é posterior aos seus efeitos mais elementares”.

O movimento segundo WALLON apud FONSECA & MENDES (1987, p.26), compreende dois aspectos elementares do comportamento, a *previsão*, fator de antecipação, e a *execução*, fator de controle. É nesta perspectiva que o movimento se revela como expressão do desenvolvimento total da criança, pois nos gestos e movimentos, sempre estão expressos o seu desenvolvimento. “É a partir do ato que o homem estrutura o seu pensamento, integrando-se num social, isto é, se transforma num SER SOCIAL TOTAL E INTEGRADO” (WALLON apud FONSECA & MENDES, 1987, p.26).

Tendo a consciência de que o aprendizado ocorre do ato motor mais simples ao mais complexo, e que dentro deste ato motor existem dois fatores fundamentais que é a previsão e a execução, sente-se a necessidade de conhecer quais são os principais conhecimentos adquiridos pela criança, nas diferentes faixas etárias, conforme o estudo de Henri Wallon, dando ênfase a fase que mais interessa neste estudo que é a fase pré-escolar (03-06 anos).

Estágio Impulsivo (recém-nascido):

Logo nos primeiros meses da criança, ocorre uma agitação no organismo em geral e uma hipertonidade global, que com o passar do tempo abre espaço para as relações afetivas e emocionais com o meio ambiente. A agitação da criança é provocada pela sensação de bem ou mal-estar, por espasmos musculares e gestos desordenados que muito tem haver com suas emoções e variações tônicas (WALLON apud FONSECA, 1983, p.18).

Estágio Tônico-Emocional (06-12 meses):

Os gestos antes descoordenados começam a esboçar as suas primeiras aquisições, dando margem ao movimento significativo, que tem tudo haver com as emoções da criança (WALLON apud FONSECA & MENDES, 1987, p.24).

Segundo FONSECA (1983, p.19), baseado nos estudos de WALLON, o meio ambiente predominante de uma criança é fundamental para o seu comportamento específico, ou seja, seu modo de agir e pensar, vai ocorrer de acordo com o ambiente em que conviveu.

Estágio Sensório-Motor (01-02 anos):

Conforme WALLON apud FONSECA & MENDES (1987, p.24), nesta fase a criança já domina o afetivo e a correlação entre experiências motoras e as experiências sensoriais. A expressão psicomotricidade começa então a ter mais sentido e é aqui que dá passagem do biológico ao psicológico.

A percepção torna-se mais precisa e o movimento conseguido tende a ser repetido, permitindo a eficiência do gesto e a eliminação dos gestos inúteis.

Estágio Projetivo (02-03 anos):

Para WALLON (1966, p.193), nesta fase, o pensamento poderá se impor à consciência, se realizado pelo gesto ou pela palavra. A criança conhece os objetivos, somente a partir do momento que age sobre eles corporalmente.

O autor citado acima, dá uma grande importância à imitação nesta fase, que considera imprescindível para uma nova aprendizagem (a identificação), imitação como ligação perceptivo-motora e não como gesto imposto e comandado. “A imitação é uma forma de atividade que parece implicar de maneira incontestável, relação entre o

movimento e a representação. Se a definirmos como o ato pelo qual se reproduz um modelo, a representação do modelo é a sua condição necessária; por consequência, o poder de formar representações seria anterior à imitação” (WALLON, 1966, p.183).

“No final do 2º ano, a fala e as condutas representativas são inegáveis, confirmando uma nova forma de relação com o real, que emancipará a inteligência do quadro perceptivo imediato. Esta função é frágil no início, apoia-se ainda muito tempo nos gestos que a transportam, “projeta-se”, em atos: por isso Wallon a chama de *projetiva*” (DANTAS, 1992, p.42).

Estágio Personalístico (03-04 anos):

Segundo WALLON apud FONSECA & MENDES (1987, p.26), o modelo do outro adquire importância apenas como estímulo e experiência. As distâncias, espaços e direções não são mais desconhecidos, e o meio modifica-se em função dos primeiros desejos da criança.

Depois dos 03 anos, as relações com o meio definem-se com maior precisão e a criança começa a construir a sua personalidade, o seu EU. Essa evolução é marcada por uma conscientização progressiva do próprio corpo, como uma realidade distinta do meio circundante (WALLON apud COSTE, 1992, p.20). “Só por volta dos 03 anos se reproduz a crise de personalidade, em que o indivíduo procura finalmente isolar-se daquilo que experimenta e distinguir no seu próprio eu o ser ativo e aquele que recebe as impressões ou coerções exteriores” (WALLON, 1966, p.102).

Tem-se a preocupação de aprofundar o assunto, na faixa etária de 03 a 06 anos, onde Henri Wallon, em seu livro: “A Evolução Psicológica da Criança” (1964, p.220), traz um capítulo onde trabalha as principais necessidades da criança pré-escolar.

Segundo ele, aos 03 anos tem início a crise de contrariar da criança e após a de imitar que vai durar até os 05 anos. Nesta etapa da vida (03 anos), a criança tem a preocupação de se mostrar capaz e independente, sabendo distinguir os objetos e os selecionar pela cor, forma, dimensões, qualidades táteis e cheiro. Aos 04 anos de idade, as suas atitudes se mostram atentas ao que elas podem ser e parecer e também ficam coradas por qualquer inconveniência ou inadvertência. As caretas e expressões faciais grotescas a divertem muito, gostando muito de rir e de se ver rir. O seu apelido, seu nome, sua idade, seu endereço, dão-lhe uma imagem da sua pessoa e de seus pensamentos. Já são capazes de observar, são menos dispersivas e também conseguem prosseguir um trabalho iniciado anteriormente com mais tranquilidade e perseverança, revendo-se em suas obras e dedicando-se ao que fazem.

Começa também aqui, a necessidade de camaradagem e amizade, porém mesmo em grupos ainda não conseguem fazer integrações entre si, sendo que cada um do grupo tem uma função distinta. Tem início a uma visualização mais abstrata das coisas e objetos que a cercam, começam a diferenciar nos desenhos, as linhas, as direções, as posições e os sinais gráficos.

Com 05 anos, dá-se início a idade escolar, em que o interesse passará do eu para as coisas, porém esta passagem será lenta e difícil. Até os 06 anos e mais, a criança concentra-se em suas atitudes e ocupações presentes; sua atividade tem algo de exclusivo, sendo incapaz de evolução rápida entre os objetos ou as tarefas. A criança que aprende a ler perde rapidamente os antigos hábitos de manipulações práticas e de investigações concretas. Sendo assim, uma nova orientação pode assim suspender completamente a antiga.

Tendo em vista todos estes fatores, VELASCO (1994, p.46), acredita na importância do estudo de Wallon para a natação, fazendo a ligação entre a psicomotricidade sob a  tica deste psicólogo e a natação infantil.

Wallon concebe a psicomotricidade, conforme uma organização hierárquica, desde os *deslocamentos exógenos*, indo pelos *autógenos* e chegando enfim, aos *deslocamentos corporais coordenados e construtivos*.

Os *deslocamentos exógenos*, referem-se aos estágios impulsivo (recém-nascido) e t nico-emocional (06-12 meses) do desenvolvimento psicomotor da crianç a, onde os deslocamentos no espaço são passivos (reflexos de equilíbrio ou reações à gravidade). Aqui é realçado o papel das práticas, dos cuidados e das experiências interativas e mediatizadas pelo pai, mãe, av s, entre outros; algo vital para o desenvolvimento global do beb  e enfatizando a importância das relações afetivas para a maturação neuropsicomotora inicial (o social   biológico neste caso).

Nos *deslocamentos autógenos* ou ativos em relação com o meio exterior (locomoção e preensão), a regulação t nico-postural e motora transcede-se numa dualidade com os objetos e com o mundo exterior. O seu mundo ultrapassa a família, apesar de ainda depender dela, criando uma relação mais estreita com o mundo que a rodeia, tendo grandes conquistas como o andar e os movimentos mais refinados.

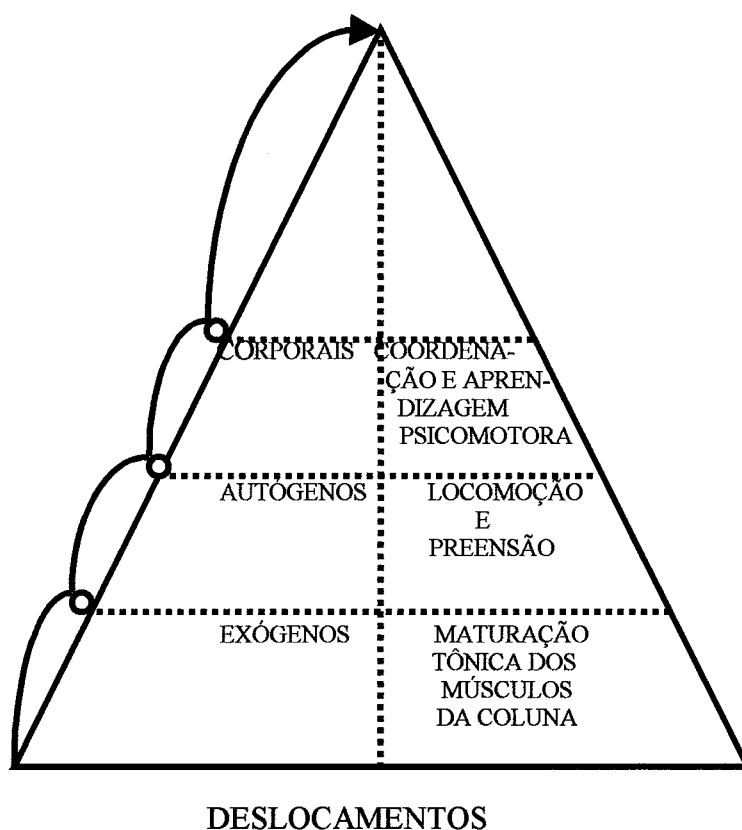
“Estamos perante a criação de uma noção do corpo mais voltado a noção “eu”, em que o “outro” é o seu parceiro perpétuo e inseparável, atingindo deste modo os estágios sensório-motor (01-02 anos) e projetivo (02-03 anos), onde a motricidade surge como “arquiteta” do psiquismo e o jogo como “engenheiro” do simbólico” (VELASCO, 1994, p.47).

Já nos *deslocamentos corporais coordenados e construtivos*, a relação com os objetos dão espaço   relação consigo mesmo, cuja incubação e incorporalizaç o  

estabilizado. Aqui, a motricidade é mais organizada e intencional e o seu espaço agora também é extra-familiar, pois vai para creches, berçários etc, criando uma certa independência psicomotora e psicolingüística, estando a criança no estágio personalístico (03-04 anos).

“Culmina assim, de acordo com o pensamento walloniano, a *perspectiva trifásica do desenvolvimento psicomotor na criança*, cujos ensinamentos para a aprendizagem da natação são bastante decisivos. A metodologia do ensino da natação para as crianças, deve pois ter em conta estes pressupostos se efetivamente os seus objetivos se centrarem no desenvolvimento das suas necessidades evolutivas” (VELASCO, 1994, p.49).

Perspectiva trifásica do desenvolvimento psicomotor na Criança:



Fonte: VELASCO, 1994, p. 48.

Com isto, a aprendizagem da natação para VELASCO (1994, p.51), também se hierarquiza em três fases distintas, sempre levando em conta o desenvolvimento psicomotor da criança. A primeira fase de aprendizagem da natação, trabalha a questão da *segurança* e da *adaptação* da criança a um novo meio, onde a mediatização dos pais ou responsáveis é fundamental para que esta se sinta segura na água. A estabilidade emocional é indispensável e antecipadora de uma autonomia motora que a criança precisa ter para dar os primeiros passos na aprendizagem num meio estranho como é o aquático.

A criança que aprende a nadar organiza-se em termos neuropsicomotores. Ela não possui idéias sobre sua experiência na água, mas está interessada em sentir a água e o movimento do seu corpo na mesma. A sua adaptação é mais motora e emocional do que mental. Este aprendizado inicial se torna imprescindível para aprendizados futuros como a flutuação, respiração e propulsão em meio líquido.

Na segunda fase da aprendizagem da natação, deve-se promover o *enriquecimento adaptativo*. Os deslocamentos na água são mais ativos e autônomos e seu corpo é mais atuante, deixando um pouco de lado a mediação, ainda necessária, porém em menor escala.

A criança só irá se adaptar ao meio líquido se o seu cérebro conseguir detectar quais problemas e situações estão presentes quando se está mergulhado na água. Assim a criança enquanto nada está organizando o seu cérebro sobre as sensações da gravidade, da impulsão, da respiração etc. Caso contrário sentirá desconforto, insegurança, engolindo água, podendo até se afogar.

Já na terceira fase de aprendizagem da natação, a ênfase é para o corpo transformador que se desloca na água com *movimentos coordenativos e construtivos*. A criança evolui no seu processo natatório, trazendo à tona o seu poder criativo, evolutivo e lúdico. Surge então o interesse da natação, ou como iniciação desportiva ou para fins pedagógicos.

“Em síntese, a aprendizagem da natação é uma função do sistema nervoso, conseqüentemente, a **natação**, desde que tenha em atenção o pressuposto do desenvolvimento psicomotor da criança acima abordados, promove e concretiza a capacidade do seu cérebro para **aprender a aprender**, e este princípio é em última análise, a primeira finalidade de qualquer aprendizagem” (VELASCO , 1994, p.54).

Tendo em vista todos estes pressupostos psicomotores, essenciais à aprendizagem da natação, é necessário aprofundar um pouco mais a relação psicomotricidade e natação, para deixar mais claro o assunto, para uma futura prática consciente das necessidades das crianças no meio líquido.

2.5 A PSICOMOTRICIDADE E A NATAÇÃO:

Considerando os estudos já feitos sobre a psicomotricidade, busca-se aqui relacioná-la um pouco mais com a Natação. Segundo PARAPAR (1991, p.17), o raciocínio para executar uma atividade caracteriza a ação psicomotora. Na fase de aprendizagem da natação, tal fato ocorre constantemente a cada aquisição de movimentos pois a complexidade dos movimentos aquáticos exigem um domínio psicomotor mínimo para executá-lo de forma elementar.

VELASCO (1991, p.17), utiliza através da natação técnicas psicomotoras, as quais promovem ao aluno um desenvolvimento harmonioso, bem integrado, da coordenação motora, atenção e concentração. Ainda refere-se à psicomotricidade como uma ciência que procura equilibrar corpo-intelecto-mente, e que quando estes princípios psicomotores são unidos a natação só encontram resultados positivos.

BURKHARDT & ESCOBAR (1985, p.01), explicam que a natação deve ter um enfoque de *ação mais global*, utilizando o movimento humano como meio pedagógico de

ajuste do homem ao meio social. O ato motor não é um processo isolado, pois provém da personalidade do indivíduo; sendo assim, a natação baseada no conhecimento da psicomotricidade humana deve enfatizar o movimento sob a ótica da criatividade, espontaneidade, liberdade, significação e sentido do movimento trabalhado.

“A psicomotricidade está presente a partir do momento em que se refere à organização das sensações recebidas pelo meio líquido na qual está imerso e à transposição “organizada” desse movimento nesse espaço e nesse tempo” (BUENO, 1998, p.126). Esta autora salienta a necessidade da abordagem sobre os mecanismos sensoriais envolvidos na natação e que são percebidos pelos sentidos, fundamentais para a movimentação do corpo na água.

Com a *visão*, pode-se propiciar a criança a observação dos objetos na água, tanto na superfície quanto no fundo da piscina. Na *coordenação dinâmica global* percebe-se que a locomoção na água é diferente, porém é muito intensa a utilização desta coordenação global em meio líquido, trazendo vários desafios e dificuldades como entradas e saídas da piscina, deslocamentos e saltos diversos, deslizos, imersões e flutuações, por meio de uma proposta lúdica, com objetivos de atingir o prazer e a segurança própria. *Noções espaço-temporais* visam estruturar o movimento no espaço em relação à sua distância, velocidade, grandeza e intensidade. No que tange o aspecto *sócio-emocional*, quando a criança tem receio da água, utilizar atividades com música e de roda quebram o padrão de medo e pavor, sanado lenta e gradativamente.

Enfim, a psicomotricidade aplicada à natação é uma formação indispensável a toda criança, pois associa diretamente a consciência à ação. O objetivo principal desta junção é proporcionar condições para que, através das atividades espontâneas em meio líquido, as crianças possam se perceber no tempo e no espaço e desenvolver uma ação no mundo.

2.6 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES (03 A 06 ANOS).

O período pré-escolar é de fundamental importância no desenvolvimento da inteligência e da personalidade da criança, pois é o momento de saída do seio materno para uma certa independência de ação e pensamento.

Considerando PIAGET apud FARIA (1989, p.38), podemos entender as primeiras possibilidades de abstração. Com a passagem do estágio sensório-motor para o perceptivo motor. No período sensório-motor a criança separa seu próprio corpo do ambiente externo e constrói a noção de objeto porque estabelece equilíbrio entre a acomodação e a assimilação no plano motor. No período pré-operacional concreto ou simbólico, a tarefa da criança consiste em construir imagens e em ajustá-las entre si para formar classes (de chupeta, de gato, etc), e séries (João é maior que Antônio, Antônio é maior que José).

WADSWORTH (1995, p.51), completa relatando que durante o estágio pré-operacional (dos 02 aos 07 anos), uma criança evolui de um ser que funciona quase que totalmente de modo sensório-motor e cujo pensamento se dá através de ações, a um ser que funciona incrivelmente de maneira conceitual e representacional. A criança torna-se apta a representar eventos internamente (pensamento) e torna-se menos dependente de suas ações sensório-motoras presentes para direcionar o comportamento.

Enfim, LAPIERRE (1986, p.01) detalha que nas manipulações de objetos, não há separação entre o ato e o pensamento. É só ver como as crianças agem, para se perceber quanto elas pensam em atos, quanto o pensamento está próximo da ação a ponto de se ter frequentemente a impressão de que é do acaso da ação motriz que nasce o pensamento, o qual só se apropria de situações criadas para utilizá-las, explorá-las e modificá-las, ou seja, há uma íntima relação entre o ato e o pensamento.

Durante o estágio pré-operacional (02 a 07 anos), o comportamento intelectual da criança, torna-se mais conceitual, havendo um rápido desenvolvimento das habilidades em geral, com ênfase a linguagem oral. O pensamento da criança nesta faixa etária, é egocêntrica, sendo incapaz de assumir o ponto de vista dos outros, acreditando que tudo o que ela pensa está certo (WADSWORTH, 1995, p.138).

Segundo ENDERLE (1990, p.78), neste período da criança, a coordenação motora e psicomotora, têm o seu principal desenvolvimento. Os movimentos, como correr e caminhar são menos bruscos, tornando-se mais uniformes, a motricidade ampla, desenvolve-se em grande escala, podendo a criança pedalar em triciclo, subir escadas, correr, agarrar objetos pequenos, etc. Também há um aumento considerável da motricidade fina, permitindo a criança, usar o lápis e a pintar com pincel.

RODRIGUES (1993, p.26) afirma que a segunda infância vai dos três aos seis anos de vida, e nesta fase a criança toma conhecimento do universo exterior. Tem-se o início da fase lúdica, onde o brinquedo é o que existe de mais importante para a criança. Assim, ela brinca porque o brinquedo é um prazer que corresponde as suas necessidades físicas e espirituais. Através do brinquedo a criança satisfaz a sua necessidade de criar e compreender o significado das coisas e dos fatos.

Para LE BOLCH (1986, p.135), o período de 03 a 07 anos de idade, diz respeito a fase de *estruturação perceptiva*, etapa intermediária, cujo objetivo está focado em permitir a criança um desenvolvimento corporal global, alcançando com bem-estar o exercício da motricidade espontânea, da expressão verbal e gráfica, passando assim para a fase escolar sem maiores dificuldades.

BORGES (1987,p.30), complementa este assunto, trazendo as principais características essenciais da criança pré-escolar.

Aos 3 anos:

A criança sente prazer em correr, pular e subir escadas. Forma sentenças longas, gosta de perguntar, gosta de inventar nomes e histórias. Gosta da companhia de crianças, mas brinca só. Fala sozinha, dando forma à imaginação. Continua aprendendo a coordenar os músculos maiores, por meio de atividades repetidas.

Aos 4 anos:

É expansiva e pergunta bastante. Tem consciência da própria idade e os processos intelectuais são limitados. Sua compreensão de passado e futuro é restrita, o pensamento é mais associativo e menos sintético. Reproduz tudo que ouve, por meio de expressão corporal; gosta de criar e de produzir; tem maior independência da musculatura das pernas. A unilateralidade não é controlada, gosta de correr, saltar e de realizar atividades motoras afins.

Aos 5 anos:

A criança é reservada e dona de si mesma, o seu universo é constituído pela casa, seu pai, sua mãe, centro desse universo. Possui forte sentido de posse, não tem noção geral de propriedade, tende a ser realista, concreta, e a falar na primeira pessoa. Produz impressão favorável de competência e estabilidade, porque é capaz de concentrar sua atenção, sem distrair-se. Assume pequenas responsabilidades, busca o apoio dos adultos, mostrando-se ansiosa por aprender. Meninos e meninas aceitam-se mutuamente.

Ainda nesta idade, já possui alguma compreensão de orientação temporal (ontem e amanhã) e a dominância de lateralidade já está definida, em relação a si mesma. Possui senso de vergonha e a linguagem e vocabulário apresentam-se desenvolvidos. Evidencia

economia de movimentos, sente-se correta e aprecia os movimentos naturais. Demonstra graça e habilidade inconscientes, tanto na coordenação motora grossa quanto na fina.

Aos 6 anos:

É uma idade de transição, com mudanças fundamentais no aspecto somático e psicológico. Tem dificuldades para manipular idéias opostas: chora e ri, agrada e ofende (bipolaridade). É inexperiente nas relações; no jogo, há o senso de reciprocidade do tipo “isto ou aquilo”; tem tendência natural para expressar-se corporalmente. Utiliza posturas corporais, palavras e gestos para expressar emoções e idéias; sua aprendizagem se dá por participação e por uma espécie de automotivação criativa.

Sendo assim, ressalta-se a importância do conhecimento das necessidades e interesses da criança pré-escolar, para que se possa fazer um bom trabalho com estas, tanto na natação como na vida.

2.7 A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR E A NATAÇÃO:

Considerando que já se possui o conhecimento das fases da criança pré-escolar e seus interesses, a psicomotricidade se faz presente de maneira fundamental para esta faixa etária e acredita-se na relevância de um trabalho em meio líquido, para um melhor desenvolvimento das habilidades psicomotoras destas crianças, tentar-se-á aqui, relacionar todo o processo no ensino da natação, para que esta seja encarada como mais um meio de educação às crianças.

SILVA (1987, p.47), afirma que a criança nesta fase possui o sistema nervoso central mais desenvolvido em relação às fases anteriores, por isso, já pode aprender

movimentos mais apurados, adequados a cada etapa e não precisa da presença da mãe dentro da água. Ao adaptar-se ao meio líquido, eles saltam e brincam; quando as crianças estiverem mais familiarizadas com água, introduz-se a técnica da respiração e do abrir os olhos debaixo d'água.

BUENO (1998, p.135), contribui para este estudo, fazendo vários apontamentos importantes, em relação a atividades aquáticas para o pré-escolar. Esta autora relata que a criança precisa vivenciar em si e na água todas as situações psicomotoras possíveis, sendo estas as espaciais, temporais, imagem corporal, lateralidade, entre outros, para posteriormente poder investir no outro e após, no grupo.

É necessário trabalhar atividades que variem a posição do corpo estático e dinâmico, explorando a função tônica necessária para a coordenação dos movimentos. O controle postural imprescindível para o total reconhecimento do esquema corporal, pode ser adquirido através de atividades nos planos de superfície e profundidade da piscina, onde a criança terá de encontrar pontos de apoios distintos e movimentos parciais de segmentos corporais.

“Nesta fase a atividade aquática deve ser um meio de estimulação e de apoio à pré-escola, podendo contribuir indiretamente na aprendizagem da alfabetização propriamente dita, sendo alvo de grande motivação e desenvolvimento para as crianças” (BUENO, 1998, p.135).

A autora ainda chama atenção ao fato de que se deve cultivar a liberdade e o movimento espontâneo de forma individual ou em grupo. “O educador não deve fixar suas preocupações nos conteúdos e deixar de lado situações relacionais de amizade, afeto, diálogo e expressão, representantes e contribuintes da verdadeira noção de integralidade desse ser humano” (BUENO, 1998, p.135).

Enfim, a psicomotricidade aplicada à natação proporciona liberdade de expressão e de vivências. Oferece um total descobrimento do corpo e de suas relações com o mundo. Tudo isto é realizado pela criança de maneira lúdica, onde ela aprende brincando todas as noções de corpo e sua relação com o espaço, fundamental para um bom desenvolvimento global do indivíduo.

3.0 METODOLOGIA:

O desenvolvimento do tema em questão baseia-se em uma coleta de materiais que abrangem livros e revistas apresentados por diversos profissionais em Educação Física.

O método de abordagem para tal estudo fundamenta-se na estratégia de pesquisa Fenomenológica-Hermenêutica onde há um interesse específico em decifrar a importância da natação infantil sob o aspecto psicomotor, através de vários textos e posterior busca de alternativas que conscientizem e denotem como utilizar este trabalho em benefício de crianças pré-escolares.

Tudo foi feito através de uma revisão de literatura que implicará em uma análise e síntese de textos publicados sobre os temas: Natação Infantil, Psicomotricidade e Criança Pré-Escolar.

4.0 CONCLUSÃO:

Considerando que o desenvolvimento da criança depende da quantidade e da qualidade de estímulos que o ambiente proporciona, cabe ao profissional em educação saber desenvolver esta afirmativa, em prol de seus alunos. Na fase pré-escolar a criança funciona basicamente através de seus atos e experiências; portanto, é necessário que se explore o máximo de movimentos possíveis, onde o próprio corpo seja o enfoque principal.

Surge então a importância de conhecer as condutas psicomotoras e utilizar-se delas como instrumentos de aprendizagem, ou seja, usá-las como conteúdo a serem desenvolvidos e como maneira de exploração do mundo através do próprio corpo.

Unido a isto, verifica-se a relevância da questão afetiva, aliada ao movimento humano, onde Henri Wallon deixa a sua contribuição, afirmando que os aspectos afetivos são mais importantes que qualquer outro comportamento. Este autor ainda relata que não há uma separação entre o indivíduo e o seu meio, pois toda expressão de motricidade tem relação com a sensação e interação do homem no meio social, onde o seu bem ou mal-estar estará expresso em seu corpo.

A partir destes aspectos, verifica-se a necessidade de um trabalho na água, onde a criança sinta-se segura e feliz neste ambiente que é uma novidade para ela. Também mostra-se extremamente interessada em sentir a água e o movimento do seu corpo na mesma, sendo a sua adaptação mais motora e emocional do que mental.

Sendo assim, cabe ao profissional em educação aquática, compreender as necessidades da criança pré-escolar, elaborando suas aulas de maneira que aconteça uma vivência da criança em si e na água, onde aborde-se as condutas psicomotoras para depois haver um trabalho em grupo, pois a criança nesta fase tem grande dificuldade em se relacionar. Então, necessita-se primeiro de um desenvolvimento individual onde se tenha

um domínio do próprio corpo para depois investir no outro e após, no grupo (BUENO, 1998, p.135).

Enfim, o trabalho em psicomotricidade aplicada à natação, quando feito conscientemente, só tem a contribuir com o desenvolvimento integral do ser humano, pois oportuniza uma grande variedade de movimentos e sensações, que não são possíveis no meio terrestre. A criança quando educada também em meio líquido se desenvolve melhor, é mais criativa, mais autônoma e tem mais facilidade em aprender os conteúdos escolares, pois há um grande desenvolvimento do seu raciocínio, quando mergulha, respira e se propulsiona na água. O que parece tão simples, como nadar, envolve uma grande complexidade de movimentos e atitudes, que só um bom trabalho na água pode utilizar-se desta dificuldade como mais um benefício na vida da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- AMARAL, C. C.; Natação para bebês: iniciação desportiva? Curitiba, 1980, Monografia de especialização.
- BORGES, C. J.; Educação Física para o Pré-Escolar. Rio de Janeiro, 1987, Sprint, 3ª ed.
- BUENO, J. M.; Psicomotricidade: Teoria e Prática. Estimulação, Educação e Reeducação Psicomotora com Atividades Aquáticas. São Paulo, 1998, Lovise, 1ª ed.
- BURKHARDT, R. & ESCOBAR, M. O.; Natação para Portadores de Deficiências. Rio de Janeiro, 1985, Ao Livro Técnico, s.ed.
- CAMPELO, J. D.; A Importância da Natação para a criança em idade pré-escolar (3 a 6 anos). Curitiba, Monografia de Pós-graduação, UFPR, 1996.
- COSTE, J. C.; Psicomotricidade. Rio de Janeiro, 1992, Guanabara-Koogan, 4ª ed.
- DANTAS, H.; Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. LA TAILLE, Y., OLIVEIRA, M. K., DANTAS, H. São Paulo, 1992, Summus, 6ª ed.
- DEPELSENNER, Y.; Os Bebês Nadadores. Rio de Janeiro, 1994, Minerva, s.ed.
- ENDERLE, C.; Psicologia do Desenvolvimento: o processo evolutivo da criança. Porto Alegre, 1990, Artes Médicas, 3ª ed.
- FONSECA, V.; Psicomotricidade. São Paulo, 1983, Livraria Martins Fontes, s.ed.
- FONSECA, V. & MENDES, N.; Escola, escola, quem és tu? Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano. Porto Alegre, 1987, Artes Médicas, s.ed.
- FONTANELLI, M. S. & FONTANELLI, J.A.; Natação para Bebês (entre o prazer e a técnica). São Paulo, 1986, Ground, 2ª ed.
- LAPIERRE, A. ; A Educação Psicomotora na Escola Maternal. Uma experiência com os pequeninos. São Paulo, 1986, Manole, s.ed.
- LE BOULCH, J.; O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre, 1986, Artes Médicas, 4ª ed.
- PARAPAR, E. D. A natação como agente de educação psicomotora. Revista Brasileira de Esportes Aquáticos, 1991, v.40, p.17.
- PIRRO, L. A.; Contribuição da Psicomotricidade à Educação Física Escolar. Curitiba, 1980, Monografia de Especialização, UFPR.

- RODRIGUES, M.; Manual Teórico-Prático de Educação Física Infantil. São Paulo, 1993, Ícone, 6ª ed.
- SILVA, S. R. da; MATSUDO, V. K. R. Natação. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 1, 1987, v.1, p.44-48.
- TRINDADE, R. A educação psicomotora aplicada à natação. Revista Brasileira dos Esportes Aquáticos, 1991, v.41, p.20.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Normas para apresentação de trabalhos. Curitiba, 1994, vol. 1-8, Editora UFPR, 4ª ed.
- VAYER, P.; O Diálogo Corporal. A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos. São Paulo, 1984, Manole Ltda, s.ed.
- VELASCO, C. G. Psicomotricidade: o que é isso? Revista Brasileira de Esportes Aquáticos, 1991, v.38, p.17.
- VELASCO, C. G.; Natação Segundo a Psicomotricidade. Rio de Janeiro, 1994, Sprint, s.ed.
- VELASCO, C. G.; Habilitações e Reabilitações Psicomotoras na Água. São Paulo, 1994, Harbra, s.ed.
- WADSWORTH, B. J. Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget. São Paulo, 1995, Pioneira, 3ª ed.
- WALLON, H.; A Evolução Psicológica da Criança. Rio de Janeiro, 1964, Editorial Andes, s.ed.
- WALLON, H.; Do Acto ao Pensamento. Ensaio de Psicologia Comparada. Lisboa, 1966, Portugália, s.ed.